

CONTAR HISTÓRIAS COM MATERNIDADES: POR UMA POLÍTICA FEMINISTA DO CUIDADO

Thais Gomes de Oliveira¹

Vanessa Soares Mauren²

Resumo

O campo dos cuidados no território brasileiro deflagra uma história perpassada por subjugação e desvalorização. O que já era pensado como campo problemático em diferentes produções feministas foi evidenciado exponencialmente a partir do advento pandêmico: a crise que vivemos, social-sanitária-econômica, é também uma crise das políticas do cuidado. Este artigo busca cartografar este campo problemático através da criação de uma rede de histórias entre pessoas ocupadas de um cuidar: sujeitas interpeladas mulheres e mães, que vivem os anos de 2020 e 2021. Analisa-se a questão a partir de diferentes feminismos que consideram a intrínseca relação entre raça, gênero e classe. As histórias são condensadas de diferentes encontros e propõem uma ampliação em sistemas narrativos. Por meio delas, aponta-se para a concepção do cuidado como relacional, em uma perspectiva feminista, considerando o espaço doméstico como parte fundamental dessa construção.

Palavras-chave: feminismo; maternidade; contação de histórias, cuidado; pandemia.

Abstract

The field of care in Brazil reveals a history permeated by subjugation and devaluation. What was already thought of as a problematic field in different feminist productions was exponentially evidenced with the advent of the pandemic: the crisis we are experiencing, social-sanitary-economic, is also a crisis of care policies. This article seeks to map this problematic field through the creation of a network of stories among people engaged in caring: women and mothers, who live in the years 2020 and 2021. The issue is analyzed from the perspective of the different feminisms that consider the intrinsic relationship between race, gender, and class. The stories are condensed from different encounters and propose an expansion in narrative systems. Through them, we point to the conception of care as relational, in a feminist perspective, considering the domestic space as a fundamental part of this construction.

Key words: feminism; maternity; story telling; care; pandemics.

¹ Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra pelo PPG Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Se interessa pelas temáticas em torno de epistemologias feministas, contação de histórias, maternidades e cuidado.

² Professora no Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora dos programas de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional e em Informática na Educação da mesma universidade. Psicóloga e mãe de dois, Gabriel, de oito anos, e Dimitris, de cinco.

Introdução

A crise nas políticas do cuidado desencadeada com a pandemia causada pelo novo coronavírus e, agravada muitas vezes pela formação do atual governo brasileiro, traz ao campo feminista diferentes questões. Diversos atores são envolvidos na produção de um cenário catastrófico, que soma um número desesperador de pessoas mortas e que caminha para um contexto de agravamento da miséria. Além de aumentar o número de mortes consideradas evitáveis, o contexto de oscilação entre fechamento e abertura de diferentes serviços demonstra a priorização dos interesses privados em relação às questões de esfera da saúde pública e coletiva.

Como propor um texto que conte histórias do cuidado diante de tamanho desamparo? Essa pergunta acompanha este artigo, que é um recorte da pesquisa de mestrado da primeira autora, orientada pela segunda. Juntas, acompanhando o cenário que se montava desde março de 2020, pesquisamos com cuidado o caos que se estabelece em terras brasileiras de maneira tão específica, mesmo diante de uma crise global. Aqui, pesquisar com cuidado revela um modo de estar diante da produção de conhecimento, articulando que pensar e conhecer demanda um fazer cuidadoso, como na direção de María de Puig de Bellacasa (2012), uma das vozes que vai nos acompanhar nessas páginas.

A crise que atravessamos evidencia o que antes já se fazia questão e passou a ser incontornável. A doença com alto risco de contágio e as subsequentes práticas de distanciamento social evidenciam o lugar das políticas de cuidado no pensamento neoliberal. A subalternização de toda rede na economia dos cuidados tem sido percebida em muitas camadas: sempre lembraremos que uma das primeiras pessoas a morrer em decorrência do COVID-19 era mulher negra, empregada doméstica, a trabalhar para uma família branca moradora do Leblon. Tal cenário se relaciona intimamente com a história da colonização e, para pensarmos uma política feminista do cuidado, essa é a primeira história que precisa nos acompanhar.

A articulação entre o fazer do cuidado e corpos mulheres é posta em questão: historicamente mulheres estiveram mais ocupadas com tarefas que envolvem o cuidado e a gestão do cuidado; no entanto, partiremos da noção de que essa é uma prática inventada, que serve a determinados fins e projetos societários. A importância dada ao cuidado em tempos recentes é também evidenciada; porquanto percebemos a artesanaria inerente à

possibilidade de cuidar e a consequente responsabilização de determinadas pessoas pela manutenção da vida. O que se percebe em uma análise que considere gênero, mas que aqui só será entendido como importante categoria, desde que considerando mais marcadores, como raça e classe, de forma intrínseca.

Partiremos da premissa de que o ato de contar histórias desvela vícios epistêmicos, de forma que a história do sujeito ora considerado universal é repetida tantas vezes na produção de um suposto discurso hegemônico. Assim, contar histórias situadas que perpassem a pluralidade de mais experiências se faz numa política que rompe com a unicidade, apostando na fronteira e na hibridez como forma de produzir uma política cuidadosa e feminista. Campo este que, aqui considerado, é alicerçado na produção de questões em torno de raça, classe e gênero. Como Angela Davis (2018) já situava em *A liberdade é uma luta constante*, há múltiplos feminismos, e o que consideramos deve “envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonialidades, às capacidades físicas, a mais gêneros do que imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear. (p. 99). Vamos encontrar com *sujeitas* – e aqui acolhemos a provocação linguística feita por Grada Kilomba (2018)³ –, também interpeladas como mulheres e mães. A maternidade se torna produção discursiva que alcança diferentes corpos e produz efeitos nas formas de viver o fenômeno da procriação e da manutenção da vida, evidenciando a necessidade da produção de rede e do cuidado interdependente. Para encontrá-las intencionalmente, conversamos também com Lélia Gonzalez – uma grande contadora da história brasileira –, bell hooks e sua produção teórica amorosa e experiencial, Maria Puig de Bellacasa e Donna Haraway; bem como mais vozes que questionam a unicidade da voz que conta o sistema-mundo. Um entre-histórias, que nos coloca diante da problemática em torno do cuidado de maneira situada e interessada. Visto que o ambiente das casas é central, este é elevado analiticamente e, assim, traçamos um caminhar de pesquisa e de escrita – por meio da contação de histórias e da metodologia cartográfica – que busca tecer pontes e produzir a partir dos afetos no encontro com diferentes presenças online.

³ Grada Kilomba em *Memórias da Plantação* (2018) aponta para a dimensão política dos usos da linguagem e do idioma. Em português a generificação masculina é usada como se universal. Buscamos deflagrar esses vícios linguísticos, tornando-os problema.

Uma breve história do cuidado no Brasil

O cuidado e a maternidade articulam movimentos específicos da história brasileira que acompanhamos a partir de algumas situadas vozes. Mesmo que em contexto europeu, Badinter (1980) contava a história de que, na França, a grande maioria dos bebês eram enviados a amas-de-leite, que os cuidavam, nutriam, humanizavam até alcançarem a idade de cinco anos. A história do Brasil contada com cuidado passa por percebermos intencionalmente que vozes escutamos.

Lélia Gonzalez (1984/2020) é uma das mais importantes intelectuais do país e contou também acerca da relação do sexismo e do racismo na formação do que chama “neurose cultural brasileira”. Propõe análises criativas que enfoquem a formação cultural-histórica brasileira, tendo como premissa que a lógica europeia e branca não compõe a única – ou a principal – matriz de pensamento de sujeitas/os brasileiras/os. Afirma a améfrica ladina como um modo de habitar o país: num continente com história africana, de muitas origens, assume que todos os brasileiros são ladino-amefricanos. A proposição analítica de Lélia é trazida aqui com vias de historicizar, uma vez que entre a história que conta Badinter e que conta Gonzalez, há uma territorialização que nos convida a um pensamento: no Brasil, como entendemos o campo do cuidado e que relação podemos estabelecer com o pensamento moderno-colonial?

A produção teórica acerca da modernidade-colonialidade como sistemas que se informam mutuamente e que são co-criados evidencia que a colonização não é um acontecimento, somente. Ela se atualiza na relação que concebe o desenvolvimento, entendido como crescimento – social e econômico – enquanto produtos importantes da modernidade, como se o desenvolvimento pensado nessa relação não fosse dependente do pensamento colonial, que subalterniza grupos inteiros em detrimento do crescimento (NASCIMENTO, 2009). Quando pensamos o cuidado, essa é uma relação fundamental, visto que economia e cuidado se conectam de forma a desvalorizar o trabalho que tem sido feito, sobretudo, por mulheres negras.

Lélia Gonzalez (2020/1983) situa a complexidade do cuidado pensado a partir da articulação entre racismo e sexismo, e afirma que é justamente uma mulher negra anônima quem sobrevive na base da prestação de serviços, “[...] segurando a barra familiar praticamente sozinha” (p. 83). Essa história persiste, e a desvalorização econômica, discursiva, material que é tão insistente nas políticas do cuidado nos pede giros de análise. Lélia Gonzalez traz a temática da língua falada no Brasil, que ela chama

pretuguês, indicando o lugar de transmissão linguística e cultural em que esteve a mulher negra que se ocupou do cuidado de um branco. Conta que coube à mãe preta a africanização do português falado no país e a consequente africanização da cultura brasileira; se a linguagem é um fator de humanização, por essa razão, a cultura brasileira é eminentemente negra (GONZALEZ, 1979/2020). Com isso, a autora aponta para a profundidade e a complexidade dos papéis de mulheres negras para a sociedade brasileira. E acrescentamos, para a história do cuidado no país. Que se reflete em como pensamos as maternidades, bem como pensamos a economia do cuidado no Brasil.

Buscando romper dualidades, sairemos da relação trabalho produtivo *versus* trabalho reprodutivo e o emblema do pagamento por trabalho doméstico e de cuidado, discutido por pensadoras importantes do feminismo como Silvia Federici (2004/2017). São importantes análises, contudo, o cenário que presentificamos coloca questões de outras formas; assumiremos que a ideia de “produtivo” só faz sentido numa matriz colonial de pensamento, e que a divisão do trabalho é generificada e racializada, para além da categoria “divisão sexual do trabalho” (DELL’AGLIO; MACHADO, 2020) – importante para um tempo da crítica feminista, mas pensado em ampliação. Ainda em Lélia Gonzalez (1979/2020, p.56): “Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra”, e segue na consideração de que essa discriminação, enquanto raça, classe e sexo – que aqui, neste momento, entendemos por gênero – informa o lugar de mulheres negras na força de trabalho.

Consideramos que muitas mulheres negras, que são mães, ocupam-se integralmente do cuidado de filhos de brancos como um trabalho. Mas pensaremos o cuidado como, além de necessário, relacional: ele não preexiste às relações que se produzem (BELLACASA, 2012). De modo que essas relações que envolvem cuidado envolvem poder e são radicalmente afetadas pela lógica colonial, pelo pensamento neoliberal, pela subalternização da importância do cuidado interdependente.

Diferentes leituras feministas por ora pensam a ética do cuidado e por vezes o fazem porquanto dissociam a ética da prática do cuidado. As autoras Daniela Dell’Aglío e Paula Machado (2020) apontaram para essa leitura evidenciando sua binarização; considerando como indissociáveis uma vez que para pensar um senso de comunidade para o cuidado “ética e cuidado andam juntos” (p. 10). Cuidar é o que María Puig de Bellacasa⁴

⁴ Os textos utilizados ainda não oficialmente traduzidos para a língua portuguesa estão em tradução livre.

chama de “obrigação normativa”: é concomitante à vida, o que inclui que não é algo forçado aos seres como ordem moral, mas que ainda assim *obriga*, visto que é uma prática necessária, em muitos termos, para a existência da vida. O cuidado é, portanto, inevitável. E convoca a produção de relações florescentes – que aqui entenderemos como criativas – , não somente de sobrevivência ou instrumentais (BELLACASA, 2012).

A subalternização dos trabalhos materiais e discursivos que envolvem a criação e a reinvenção constante do cuidado se associa à dominação e à exploração. Numa sociedade radicalmente fundada sobre a intrínseca relação de modernidade-colonialidade que escancara o lugar do desenvolvimento sócio-econômico, tecnológico e de produção em larga escala, como se fossem as únicas invenções a serem valoradas, o cuidado enquanto uma prática artesanal é tratado como um feito de menor importância. Essa articulação entre cuidado e o pensamento moderno-colonial nos interessa como foco de análise feminista. Para uma invenção material e discursiva que extrapole as repetições exaustivas acerca do que vale mais e menos, em uma radicalidade interdependente, produzimos disrupções em formas de contar.

A história do cuidado envolve subalternizações, retiradas de direitos, sobreposição de determinadas vidas em detrimento de outras. A crise que presentificamos ainda inaugura novos contornos, porquanto coloca sujeitas mulheres e mães diante de um campo tão problemático e complexo como o da abertura e do fechamento de escolas. Esse debate, nos cabe situar, tem causado inúmeros conflitos que são observados no decorrer da pesquisa e que são perceptíveis em diferentes páginas online que agrupam parentalidades em complexa discursividade em oposição. Entre tantos conflitos, percebemos o lugar das maternidades atravessado por mais essa imposição. O lugar do dissenso, portanto, se torna central.

Pensemos o dissenso e o cuidado como parte inerente ao processo de coabitação, de convivência, do estar juntas/os (TIBOLA, 2016). Coexistência de diferentes afetos e práticas de estar no mundo possibilitam inclusive a interdependência; de modo que apostamos na multiplicação e no dissenso como uma forma de estar.

No campo dos cuidados, diferentes ideias posicionam leituras que o associam ora à afetividade, ora à moralidade, ora ao trabalho etc. Posicionaremos o entendimento considerando a dimensão plural e híbrida. Não sendo uma coisa ou outra coisa, o cuidado é relacional e nos interessa em uma paradigma ético. Acompanhamos Dell’Aglio e Machado (2020, p.11) quando situam cuidado como algo que envolve “complexidade e

criatividade" e como "[...] algo que atravessa as questões de gênero e suas interseccionalidades".

Feminismo e maternidade

As epistemologias feministas têm aberto campo na produção científica em diferentes áreas do conhecimento. Resistiremos à clausura conceitual, acompanhadas de Haraway e Bellacasa. Produzir novos modos de pensar e conhecer que alcancem novos mundos possíveis é uma prática cuidadosa. A operação feminista que defendemos passa pela hibridez em sua própria gênese. Uma parte importante dos estudos feministas exige justamente a ruptura com as divisões oposicionistas também pertencentes ao pensamento acadêmico. Haraway (1997) instrumentaliza esse posicionamento, quando informa que ela própria, bell hooks, Patricia Hill Collins e Judith Butler etc., não são obrigadas a concordar quanto a perspectivas, estudos sobre a ciência ou teoria feminista. Situa novamente a questão do contexto para que se possa considerar de fato a localidade de um ponto de vista para a sustentação de camadas do pensamento. Assim, Bellacasa (2012) sustenta que o pensamento de Haraway insiste em lógicas cuidadosas nas redes de pensamento feminista, em detrimento da busca incessante de rupturas e cisões.

Isso não existe ingenuamente. Evidenciamos, como proposta epistêmica, a relação do conflito em um campo discursivo que envolve produção de sujeitos. O feminismo é relacional, contingente, histórico e inserido no eixo colonial: nenhuma dessas práticas acontecem sem problemas. Estaremos com ele, no e pelo problema (HARAWAY, 2016). Mas conhecer envolve uma prática de cuidado: situar, avaliar, estabelecer diálogos, escutar, contar. Cuidar é um fazer.

Nesse fazer que nos concerne, por meio das histórias, posicionamos nossas perspectivas epistemológicas. A construção material e discursiva que engendra os corpos a partir de armadilhas discursivas que estabelecem formas inteligíveis de lidar com o sistema sexo/gênero é radicalmente presente nas análises feministas que compõem a premissa do artigo. Dessa forma, a relação entre feminismos e maternidades não é intrínseca e maternidade não é sinônimo de procriação humana.

Enquanto sistema de produção discursiva, a invenção das maternidades através de diferentes mitos evidenciam a relação sacralização *versus* romantização. Se por um lado essa relação desvela a moralidade intrínseca a essa discursividade, por outro, não totaliza através da crítica a diferentes discursos cristãos. Neste artigo, analisamos tal fenômeno através da ótica que associa o conservadorismo militante disfarçado de cristianismo como

uma forma de combate a agendas feministas, como na direção da argumentação proposta por Camila Rocha (2020). Trata-se, portanto, de considerar as maternidades enquanto localizadas. O que somente é possível considerando a formação geopolítica e as relações entre cuidado e branquitude, uma vez que não podemos considerar as experiências maternas como iguais, elas não são (DELL'AGLIO; MACHADO, 2020).

Consideramos que buscar modos de inscrever o coletivo diante do isolamento acadêmico (BELLACASA, 2012) faz parte dessa prática cuidadosa. Nosso percurso aqui é de inscrever o coletivo doméstico em torno do cuidado de crianças, narrado por mulheres também mães, como formas de romper o isolamento das histórias acerca do cuidado.

A interdependência coloca em xeque toda a proposição política e econômica neoliberal; a pandemia, toda a rede que considera a valorização de determinados trabalhos em detrimento de outros. Destituímos, portanto, o lugar da autonomia como vinculado à independência e aos projetos liberais. Pensaremos emancipação, rede e interdependência para uma política feminista de narratividade no cuidado.

Desde uma perspectiva feminista, percebemos que a indissociabilidade esperada entre amor e cuidado a corpos considerados femininos é insistente invenção. Essa coerência revela uma matriz de pensamento: que sujeitas femininas ou corpos mulheres sejam naturalmente mais aptas à prática do cuidado de outros seres humanos. A associação direta entre feminilidade e cuidado exige uma investigação mais cautelosa no campo dos estudos feministas.

Cuidado coloca o amor em questão. As ideias românticas e sacralizadas do amor colocam o cuidado em questão. Ou tiram. Ao passo que a naturalização entre cuidado e amor propõe termos no debate que endossam a romantização e a sentimentalização do amor, desconsideram as inúmeras violências acontecidas que são justificadas por meio de algum amor. bell hooks (2021) em *Tudo sobre o amor* traz contribuições importantes nesse campo quando convida à reflexão crítica de que o amor é uma prática, é uma ação, antes de ser um sentimento. Na decorrência do nosso encontro com a autora: cuidado não é um sentimento, é um fazer que envolve sentidos múltiplos, discursivos e materiais. O cuidar amoroso é não-inocente; a coexistência não exclui o dissenso (BELLACASA, 2012).

Metodologia

A contação de histórias é aqui utilizada como um dispositivo híbrido que oferece possibilidades de construção de um projeto societário narrado a múltiplas vozes e a múltiplos corpos. A proposição metodológica considera, desse modo, que o ato de contar histórias nunca é inocente (OLIVEIRA; ROCHA, 2016). Tomamos essa não-inocência na radicalidade e, assim, chamamos à conversa Donna Haraway: mesmo que trabalhemos com histórias, não o fazemos por buscar uma experiência pura, a verdade ou uma “autoridade da experiência”, mas a complexidade da objetividade feminista e dos saberes situados. Haraway (1995/2009) critica a suposta neutralidade no olhar do observador científico e afirma que toda perspectiva é parcial; afirma que a objetividade do ponto de vista é uma forma de afirmar o feminismo no paradigma científico. O conhecimento é situado, o que também implica que conhecer e pensar se tornam possíveis em um emaranhado de relações, que possibilitam a existência dos mundos com que pensamos (BELLACASA, 2012). Estaremos evitando o “sonho feminista de uma linguagem comum”, com seus riscos de totalização (HARAWAY, 2009/1991, p. 83). Buscar histórias é buscar linguagens, formas de contar que conectem mais modos de olhar para o mundo, contar histórias que por muito estiveram – e ainda estão – restritas a essa invenção chamada vida privada.

Histórias contadas a partir de perspectiva feminista que produz perguntas que interseccionam diferentes articuladores sociais, e que consideram a territorialidade e a modernidade-colonialidade como eixos estruturantes da problemática em torno do cuidado. Escritas aqui que dizem de diferentes encontros acontecendo na cartografia da pesquisa em andamento, de forma que aqui buscamos contá-las em parte. Colocamos em cena o lugar de quem escuta e escreve, pois percebemos a formação da rede de histórias que é o próprio ato de se propor a um pesquisar e a um narrar.

Essa proposição nos coloca diante de um campo, e o fazemos por meio de pistas cartográficas. À cartógrafa cabe dar vazão a um corpo sensível, operação que se dá no e pelo afeto e que se constitui intrínseca à processualidade, de forma que o ato de cartografar acontece porquanto se desprende de um *a-priori* metodológico, coloca-se o corpo na sua dimensão afetiva, sensorial, dialética a um constante exercício de abertura ao encontro com outros mundos possíveis (BATTISTELLI; CRUZ, 2019). Nunca há indiferença, visto que há sempre intencionalidade (KASTRUP; PASSOS, 2014). Assim, encontramos intencionalmente cartografia e epistemologias feministas para uma narrativa do cuidado, considerando que, enquanto pesquisadoras, somos parte daquilo que nos propomos a conhecer e a contar.

Contamos estabelecendo conexões múltiplas, contamos histórias contingenciais, situadas historicamente. Chimamanda Adichie (2009), em sua consagrada fala no *Ted Global*, conta histórias que instigam o questionamento acerca da história única. Concordamos com ela na afirmação de que poder é a habilidade não só de contar a história de outra pessoa, mas de torná-la definitiva. As histórias são definidas pelo poder, porquanto importa quem as informa, quem conta, como conta, a quem conta, que histórias conta (OLIVEIRA; ROCHA, 2016). Contar histórias na direção que aponta bell hooks (2020): como ferramenta importante na construção de comunidades.

Bruna Battistelli e Luciana Rodrigues (2021) escrevem, em diálogo com Chimamanda Adichie, sobre a necessidade de alargarmos o campo das histórias contadas, de forma que possamos acolher diferentes versões que ofereçam novas perspectivas. Assim, alcançamos diferentes leituras de sujeitas/os, nós mesmas/os e do mundo que rompem com estereótipos que conformam análises “[...] obedientes a uma lógica colonial – essa que hierarquiza os mais ou menos humanos e, portanto, aqueles que merecem cuidado [...]” (p. 158), daqueles que não.

Ursula Le Guin (2002) nos apresenta como ferramenta o que designa por *carrier-bag of storytelling*, fazendo alusão às possibilidades narrativas ao longo da história da humanidade, nas quais os homens foram consagrados como protagonistas de fatos importantes e heroicos, enquanto o trabalho das mulheres era compreendido como algo menos importante. Apesar da maior parte das inscrições relativas ao período em que a humanidade foi caçadora-coletora ser de atos épicos como lutar com um mamute ou arrancar-lhe os dentes, a principal fonte de alimentação, que garantiu a vida da espécie humana, era composta por frutas e sementes, [além da caça de pequenos animais, que depois acabaram sendo domesticados], coletados por mulheres em espécies de bolsas ou sacos que levavam consigo. Porém, como nos coloca Le Guin (2002), não é fácil contar uma história emocionante sobre como se retira a casca de uma aveia, ainda que não seja impossível. É importante que possamos narrar as histórias daquilo que guardamos nas bolsas, nos sacos, nas mochilas ou nos *slings*, afirmando sua importância em um mundo composto por histórias que excluem a versão de quem cultivava formas múltiplas de cuidado.

Abrindo as sacolas: Rebeca

Todo dia isso. Eles falam uma coisa na TV, outra no rádio, outra na internet. Falam uma coisa de manhã e outra de tarde. Eu queria

saber quando vão decidir alguma coisa mesmo, assim, um pouco mais definitiva. Ainda se não fosse pouco, o dia todo no WhatsApp tem outras mães que defendem a reabertura das escolas, porque não tem onde deixar as crias ou criticam, porque têm medo. Compartilham todo tipo de notícias, muitas delas eu nem sei se são verdadeiras. A situação tá difícil eu sei, mas difícil ela já era. Só que agora sinto que não confio em mais nada, nem nas pessoas, nem no que leio, nem no que vejo, nem que isso tem fim. Todo dia isso, meu chefe me perguntando se vou voltar presencial. Minha mãe perguntando se vou deixar a Rebeca lá na casa dela porque ela sabe que eu preciso do dinheiro do trabalho. Mas como hein? Como que vou deixar minha filha lá na casa que ela mora se o companheiro dela vive lá bebendo? Ela não percebe que ele é violento que ele xinga que ele briga. Não sei se ela não percebe mas não posso deixar a Rebeca lá. Imagina. Todo dia isso, meu chefe sabe que minha mãe não mora tão longe aí ele pergunta. Mas tua mãe não pode cuidar? Pensa, é importante pra ti e pra empresa. Ela vai te ajudar, te ama. Ah se ama ou não ama não é isso. Todo dia isso. A Rebeca pergunta, quer sair de casa, quer ver os primos, quer ver a Ana professora na escolinha que ela tanto gosta. Mas eu bem que queria que ela e a Ana passassem o dia juntas mas não dá. E daí é isso, eu trabalho daqui. Isso é legal também. Fazia tempo que não passava um tempo só eu e ela. Mas também não é tranquilo porque um olho numa coisa, outro noutra. Tô vendo ela, ela me chama, toca a notificação do whats, trabalho chama, tem que cuidar se ela não tá demais na TV mas também. Sei lá. Todo dia isso. Ela tá aprendendo as letrinhas, tá juntando sílabas. Escreve mãe, meu nome, o dela, escreve Ana. A gurria é inteligente, tá com cinco anos. Mas é sabe todo dia ela pergunta eu não sei a resposta. Todo dia eu pergunto também quantos dias faz que a gente tá em casa só eu e ela. Veio a amiga esses dias a Paula que trança o cabelo da Rebeca aí foi bom também mas também fiquei pensando se será que tenho como me divertir com ela, trançar, brincar, numa situação assim. A Paula e ela brincaram, quando vê amiga é mesmo pra isso. Eu penso penso mas não sei é nada de como a Rebeca tá entendendo. O tempo todo na mesma casa mas quase nenhum tempo ocupadas de estar juntas.

Todo dia isso a gente não sabe o que fazer. Mas quando tava só na TV me dava até dor de barriga mas era mais fácil. Agora a Rebeca me pergunta o tempo todo porque tenho chorado e o que aconteceu com a tia dela.

A gente não falava mais muito. Essa coisa de administrar quem cuida de quem deu problema lá na casa da mãe mas a Cláudia sempre foi alguém de perto da Rebeca. Não falava comigo. Falava com ela. Foi três dias atrás eu ainda nem entendi, não fui no velório, não dá pra ir, não é seguro. Alguém morreu e não dá pra ir nem no velório. Seguro isso também não é. Mas não adianta,

tem o COVID, eu não fui. A Rebeca é uma gurria muito esperta e ela é sensível também e ela perguntou perguntou e eu pensava em falar do céu da estrelinha do sítio pra onde ela foi e que ia ser uma história bonita romântica...

ELA MORREU, REBECA, ELA MORREU.

Enquanto pensava que não ia dizer já dizia. Ela percebeu que eu não tava bem, tive que falar a verdade mas não esperava que a verdade ia gritar tão alto. Ela se assustou, foi de susto com a vida ou com a voz, que provavelmente os dois. Ela me abraçou, a menina, abracei ela de volta soluçava mas dizia que a gente ia continuar se cuidando tanto que a gente ia ficar bem. Sabia que não era só isso que fazia viver, mas foi o que deu pra falar.

Carregando as sacolas: Bala

Mãe, tô esperando uma resposta do Luciano, queria ver se ele pode vir aqui arrumar os fios do banheiro pra mim. Ontem deu um curto aqui na minha casa e quase pegou fogo. Se eu não corro lá na frente pra desligar o disjuntor, já era eu, já era a Julinha. Tô preocupada porque, se eu voltar a trabalhar, não vou mais poder deixar ela sozinha. A Gisele também não me ajuda mais desde que começou na padaria. Antes, ela trazia almoço aqui pra Julinha quando eu tava no serviço e dava uma olhadinha nela pela janela. Agora, se eu voltar a trabalhar, vou ter que deixar tudo pronto antes de sair. Ou, se a creche abrir, vou deixar ela na creche antes de ir pro serviço. Se bem que... tô pensando se vale a pena, porque, se eu for pro centro, vou ter que sair daqui às seis. Aí tenho que deixar a Julinha nas gurias antes da creche abrir. E as gurias estão cobrando duzentos reais por mês pra receber a criança e levar pra creche às sete. Não vai valer a pena. Isso se as gurias continuarem ali, porque a mãe delas tá bem doente, sabe?! Desde que teve covid, nunca mais foi a mesma. Parece que elas vão todas pro interior morar com uma tia. Não estão conseguindo pagar o aluguel. Tá, mãe, desculpa o tamanho do áudio. Manda o Luciano vir aqui ainda hoje, estamos sem luz. Daqui a pouco fico sem bateria no celular e fico isolada.

Filha, o Luciano não atende desde ontem. Tô ficando preocupada. Liguei pra ex mulher dele, mas ela sabe menos dele do que nós. Disse que ele não manda pensão e que o oficial de justiça vai vir aqui cobrar de mim se não encontrar o teu irmão. Filha, tu não tem como dar um jeito de pegar os meninos dela durante o dia? Pra ela poder procurar o Luciano. Ela te leva os dois agora de tarde.

- Júlia, olha o que eu achei perto da minha casa!
- O que é isso, Arthur?
- Bala de revólver!
- Deixa eu ver!
- Solta isso! Tu não pode, tu é muito pequena!
- Eu quero ver, me dáááá Vou chamar a minha mãe!
Manhêê!
- Cala a boca! Tá bom! Pega!
- É pesado. Por isso que machuca.
- O que a tua mãe e o Miguel estão fazendo no pátio?
- Acho que foram consertar os fios que estão dando curto elétrico!

- Olha lá, Miguel, a nossa vizinha tem um lagarto.
- Sério, tia?
- Sim, vem ver. Ele mora no pátio dela.
- Tô vendo ele ali, no meio das folhas. Fica assim. Acho que é pra gente não ver mesmo. Ele é da cor das folhas. E a sua vizinha não tem medo, tia?
- Não. Lagarto é bom. Ele come cobra e rato. Aí a casa fica protegida. É tipo como se ele fosse um parente.
- Tipo tu e o meu pai?
- É! Só que o lagarto ajuda mais!
- O que vocês dois estão fazendo aí dentro?
- Tô ensinando a Julinha a ler, tia!

- Que amor o teu irmão! Se eu lembrasse que eram tão bonzinhos assim, tinha trazido vocês antes pra cá, pra me ajudarem com a Julinha. Com quantos anos tu tá? Tu já entende de eletricidade?
- Doze. Entendo um pouco.
- Vamos lá dentro ver o que a Julinha está escrevendo!
- Olha mãe:

B A L A

Considerações Finais

Estivemos juntas na construção de um texto que busca ampliações narrativas por meio de histórias possíveis que despontam vivências acontecendo no Brasil atravessado pela pandemia. O agravamento da situação da condição econômica e social tem convocado diferentes estudos acerca da vida de sujeitas generificadas. Na rota do cuidado, mulheres têm sido alvo de responsabilização pela subsistência da vida, o que acontece de diferentes formas e que subalterniza ainda mais mulheres não-brancas.

Em mundos feitos de processos interdependentes que consideram a vida como heterogênea e múltipla, o cuidar – seja de alguém, seja de algo – é inevitavelmente criar relações (BELLACASA, 2012). Ainda, percorremos o caminho de encontrar com (o) cuidado a radicalidade de este ser um ato: o cuidar é um fazer, que não se dá no pensamento moral e na obrigatoriedade, mas sim por meio de movimentos concretos (TIBOLA, 2016). O que segue em alinhamento com a proposição de bell hooks, de que o amor é, além de um sentimento, ações (hooks, 2021). Em companhia dessas autoras enquanto pensamos uma política feminista do cuidado no momento pandêmico brasileiro, evidenciamos a importância de um cuidar que inclui o dissenso.

O território político habitado pelas mulheres que são mães e que precisam tomar decisões de esfera pública como se fossem de esfera privatizada exprime uma aspereza. Nas histórias que contamos, no decurso do artigo, percebemos que a circulação diminuída faz, além de um distanciamento, uma exigência de acompanhar decisões da política pública como companheira diária. Esse acompanhamento de processos envolve uma tomada de decisões que envolvem camadas e discussões bastante complexas e que demandam a possibilidade do dissenso e, inclusive, da incerteza. Não esqueçamos, no entanto, que esse território é também montado por políticas de Estado que têm subalternizado a dimensão do cuidado e da vida em termos muito amplos e que exigem estratégias de sobrevivência que beiram a impossibilidade.

Foi por meio do ato de contar histórias que o artigo buscou desnaturalizar concepções de cuidado que se originam em perspectivas binárias de gênero. Produzir saídas autorais e contra-hegemônicas nas formas de contar a história do cuidado no contexto pandêmico brasileiro se tornou um dos objetivos de tal discussão. Buscando trazer rupturas à lógica que atribui o cuidado a determinados sujeitos exclusivamente, contamos histórias que abordam a alfabetização, a criação de crianças, a formação de rede e os decorrentes riscos de exposição ao coronavírus. Contamos histórias de morte, luto, trauma. Contamos histórias de diferentes sujeitas mulheres que estiveram sobrevivendo em uma realidade que beira o distópico e que tem inventado formas de seguir em meio ao caos.

Em um aspecto relacional e composicional (TIBOLA, 2016) das possibilidades de fazer com cuidado, estivemos juntas compondo uma rede de teorias e de teóricas que nos acompanharam nesse exercício de contação de histórias. Para uma política feminista do cuidado, o cuidado é necessariamente relacional; nada precede às relações; o feminismo só se dá na articulação intrínseca de diferentes categorias como raça, classe,

gênero, capacidade e muitas outras e a formação de rede é fundamental, interdependente e coletiva.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. 2009. [online] Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. Acesso em 19 jun. 2021.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Círculo do Livro: São Paulo. 1980.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; CRUZ, LÍlian Rodrigues da. Entre cartografia e etnografia, possibilidades de uma pesquisa... *Revista PSI UNISC*. Anais da VI Jornada de Pesquisa em Psicologia, 2019. Disponível em: https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada_psicologia/article/view/17633/4511> Acesso em 09 jun. 2021.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; RODRIGUES, Luciana. Contar histórias desde aqui: por uma sala de aula feminista e amefricana. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, v. 23, n. 1, p. 153–173, 2021. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/4067>>. Acesso em 5 jun. 2021. <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2021v23n1p153-173>

BELLACASA, María Puig de la. ‘Nothing comes without its world’: thinking with care. *The Sociological Review*, p.197-206, 2012.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

DELL’AGLIO, Daniela Dalbosco; MACHADO, Paula Sandrine. Cuidado, branquitude e interdependência. *Revista Inter-Legere*, v. 3, n. 28, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/20892>> Acesso em 09 jun. 2021. <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n28ID20892>.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017. Original em 2004.

GONZALEZ, Lélia. Em: Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. In: RIOS, Flavia; LIMA, Marcia. (Org.) *A mulher negra na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Original em 1979.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Marcia. (Org.) *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Original em 1983.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo é o privilégio da pesquisa parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 2009. Original em 1995. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em 21 jun. 2021.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Org: Tomaz Tadeu. *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARAWAY, Donna.

ModestWitness@Second_Millennium.FemaleMan@_Meets_OncoMouse™: Feminism and Technoscience. New York and London: Routledge, 1997.

HARAWAY, Donna. 'Staying with the trouble: Becoming worldly with companion species', paper presented at the Colloquium Series of the Center for Cultural Studies, UC Santa Cruz, 10 October, 2010.

hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, Eduardo. et al. (Org.). *Pistas do Método da Cartografia- a experiência da pesquisa e o plano comum- Vol.2*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 15-41.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

LE GUIN, Ursula Kroeber. *The Carrier Bag Theory of Fiction*. London: Ignota Books, 2020.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. A modernidade vista desde o sul: perspectivas a partir das investigações acerca da colonialidade. *Revista Padê*, v.1, n.1-2, 2009. Disponível em:

<<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pade/article/view/1071>> Acesso em 20 jun. 2021. <https://doi.org/10.5102/pade.v2i1.1071>

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; ROCHA, Késia dos Anjos. Sobre cafundós, confins e fronteiras: contações de histórias sobre diversidade sexual. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 94-104, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000100094&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p094>.

ROCHA, Camila. Cristianismo ou conservadorismo? O caso do movimento anti-aborto no Brasil. *Revista TOMO*, n. 36, p. 43-78, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/12777>>. Acesso em 18 jun. 2021. <https://doi.org/10.21669/tomo.vi36.12777>

TIBOLA, Talita. Cuidado com dissenso: pensando mobilizações político-artísticas no Rio de Janeiro a partir de uma ética-prática do cuidado. *Revista Pesquisas e práticas psicossociais*, v. 11, n. 1, p. 185-199, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2021.